

Empresas tentam executar projeto

Para os mais de três mil empresários do Distrito Federal, a ausência de uma balança comercial para a região é, no mínimo, a certeza de que o plano de desenvolvimento industrial de Brasília está ameaçado de permanecer nas gavetas do Governo. Não esperando que parte do GDF a realização de tal projeto, a Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), através de sua assesora técnica, Corina Conalgo, tem realizado um levantamento completo, setor por setor, da produção local.

Os ramos mais desenvolvidos, segundo ela, são os da construção madeireira e mobiliária. No primeiro, com 342 empresas, estão englobadas também as indústrias de minerais não metálicos, chamada produção de "apoio" à construção civil, como a fabricação de tijolos, telhas, cerâmicas, etc. No segundo, com 234 empresas, destacam-se as indústrias de transformação e beneficiamento da madeira, construção de móveis, embora os de ferro estejam associados ao sindicato metalúrgico.

Com 90% de seus associados ligados ao setor de panificação, o Sindicato das Indústrias de Alimentação possui associados de grande porte, como Skol e Moinho Jauense, que já produzem grande parte da bebida e farinha consumidos em Brasília. Juntando distribuidores de bebidas, panificadores, fabricantes de massas caseiras e alimentos, o setor reúne 502 empresas, a maioria de micro e pequenos empresários.

O setor vestuário tem sido, segundo Corina, um dos que "prometem" grande desenvolvimento no Distrito Federal. A maioria, inicialmente, está ligada ao ramo de confecções — entre coleções e uniformes. O sindicato, porém, engloba a indústria têxtil — que inexiste ainda em Brasília — rede de apoio como "armariinhos" (que ainda é "importado" de outros Estados) e calçados, onde a indústria Marisa Calçados, instalada no Setor Industrial de Ceilândia, estreia a produção no DF, embora exporte quase a totalidade de sua produção.

O setor mais pesado engloba a

metalurgia em geral, desde a indústria mecânica, até as mais modernas, como a informática. Dos 891 empresários do ramo, 42 já produzem na linha da informática, entre software e hardware. Alguns setores, como o de fabricação de materiais de limpeza, por exemplo, estão engajados diretamente na Fibra por não terem um sindicato específico. No Distrito Federal, uma delas, a Marfik, já produz desinfetantes e água sanitária do mesmo nome, mas sua produção não é o bastante para abastecer toda a cidade. A prova está no que aconteceu na fase do Cruzado I, quando, por falta de embalagens e descongelamento dos preços de fretes, a "importação" de água sanitária foi afetada, e Brasília não teve condições de se auto-abastecer.

Dos mais de três mil empresários de Brasília, 70% pertence à pequena ou microprodução. Segundo Corina, o número de indústrias de grande porte na região não chega a 10% da totalidade. Na sua opinião, por mais que o DF desenvolva-se industrialmente, a concorrência entre mercadorias produzidas na região e outros estados, sempre irá existir. Mas, o que se deve levar em conta, é "a queda nos índices de desemprego, que resultará da industrialização".

Com o comércio totalmente saturado, Corina vem desenvolvendo um estudo das indústrias desde o ano de 82, setorizando cinco tipos de produção: metalúrgico, vestuário, construção civil, alimentação e moveleiro. O objetivo, segundo ela, era um só: propor ao Governo uma política industrial para o DF. Nessa época, no Governo de José Ornellas, todo o projeto foi aprovado. Mas seus mecanismos de trabalho, jamais foram acionados. Assim, enquanto o Núcleo de Indústria e Comércio não dava lugar à Secretaria, tudo ficou no papel.

Corina Conalgo contou que o desestímulo à industrialização de Brasília era tão grande, que nem mesmo havia incentivos à produção básica para sustentação de uma pequena indústria. "Sem agricultura, não há matéria-prima

para se transformar nada". Por isso, a assessora técnica da Fibra lembra que, sem uma definição urgente de uma política agroindustrial, na região do Entorno, nada se desenvolverá. "É preciso usar a terra e a própria população da região, que se encontram ociosos, à espera de trabalho".

Viabilidade

Balança comercial confiável. Segundo Corina, esse é o primeiro passo para o início de uma política adequada de industrialização. É preciso, na sua opinião, saber o que é viável no DF, o que está faltando, o que custa caro "importar", o que está saindo ou entrando em excesso. Na opinião de Claudeth Lemos, proprietária da Malharia Cacique, por exemplo, uma pequena indústria de estopa é capaz de fornecer material para inúmeros pontos comerciais e oficinas mecânicas de Brasília, que compram esse produto de São Paulo e outros Estados. Já para Corina, a indústria de couro é pouco explorada, numa região rica em gado como o Centro-Oeste. É claro que, segundo ela, o ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadoria) mais alto do País também desestimula a comercialização de produtos aqui.

Apesar de ser única no DF, a indústria Marisa, de calçados, produz especialmente para outros Estados, tendo participado da Francal, a maior feira de calçados, na cidade paulista de Franca. Marisa trabalha, hoje, com 120 funcionários, mas se abastecesse também o mercado de Brasília, poderia雇用 muitas outras pessoas.

Sabendo o que é viável, resta fazer um estudo de incentivos, abrir as portas aos empresários e preparar tudo para o assentamento.

Do ano de 86, já estão fechadas as pesquisas com 70 indústrias da região. Agora, já estão partindo para a análise de dados como vendas, salários, funcionamento, horas de produção e capacidade instalada. A pesquisa vem sendo feita por gênero e mensalmente, oferecendo às empresas um retorno dos dados obtidos.